

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS: LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

SORAYA GONÇALVES BERNARDINO DA SILVA

**AUTONOMIA ALÉM DA UNIVERSIDADE: ESTUDO DE CASO COM
ESTUDANTES DE LETRAS-JAPONÊS NO NÍVEL
INTERMEDIÁRIO**

BRASÍLIA

2019

SORAYA GONÇALVES BERNARDINO DA SILVA

**AUTONOMIA ALÉM DA UNIVERSIDADE: ESTUDO DE CASO COM
ESTUDANTES DE LETRAS-JAPONÊS NO NÍVEL
INTERMEDIÁRIO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo Curso de Letras: Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília

Orientador: Prof. Dr. Yûki Mukai

BRASÍLIA

2019

SORAYA GONÇALVES BERNARDINO DA SILVA

**AUTONOMIA ALÉM DA UNIVERSIDADE: ESTUDO DE CASO COM
ESTUDANTES DE LETRAS-JAPONÊS NO NÍVEL
INTERMEDIÁRIO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado em Letras, pelo Curso
de Letras: Língua e Literatura Japonesa da
Universidade de Brasília

Orientador: Prof. Dr. Yûki Mukai

Data da defesa: 02 de julho de 2019

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Yûki Mukai

Examinador : Prof. Dr. Marcus Vinícius Ferreira de Lira Tanaka

Examinador : Prof^ª. Suzana Sumire Negrão Niho

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha mãe, Suzana, por ter me criado e cuidado de mim tão bem e ter me apoiado durante a minha trajetória no curso.

Ao meu ex professor de Karatê, Edson, por ter sido a primeira pessoa que me apoiou na escolha deste curso, onde quer que esteja, sei que você está orgulhoso de mim por eu ter chegado até aqui.

Agradeço muito ao meu orientador, Prof. Dr. Yûki Mukai por ter me aceitado como orientanda. Todo esse processo não foi fácil para mim, mas você sempre se mostrou dedicado, paciente, e atencioso comigo.

Aos professores Prof. Dr. Fausto Pinheiro Pereira e Prof^a. Dr^a. Yuko Takano, por me proporcionarem o primeiro contato com a língua japonesa, graças a vocês, tive motivação para seguir com o curso.

A todos os professores da Área de Japonês da Universidade de Brasília, por seu ensino e orientação.

Agradeço imensamente o apoio e carinho dos professores e amigos da Escola de Língua Japonesa Aliança, em especial meu professor, Ken Hamada, que vem contribuindo para a melhora do meu japonês desde que entrei na escola.

A todos os meus amigos que me deram palavras de conforto e incentivo durante a elaboração deste TCC, um muito obrigada. Vocês me deram forças para continuar mesmo em momentos tão difíceis.

Agradeço imensamente aos participantes que concordaram em contribuir com esta pesquisa, graças a vocês, pude entender melhor sobre a autonomia e hábitos de estudo.

A todos, muito obrigada.

RESUMO

A presente pesquisa se caracteriza como um estudo de caso que investiga as concepções de autonomia e hábitos de estudo de estudantes de Letras-Japonês do nível intermediário. Sendo assim, os objetivos desta pesquisa foram identificar as concepções e hábitos de estudar relacionados à autonomia por parte dos estudantes, identificar seus hábitos de estudo fora do ambiente universitário, bem como analisar a reflexão dos estudantes em relação às concepções de autonomia e os hábitos de estudo. Para isso, baseou-se nos seguintes autores que têm pesquisas relacionadas à autonomia: Leffa (2003), Moura Filho (2009), Nicolaidis (2003) e hábitos de estudo: Carvalho (2010), Ferraz e Foltran (2014), Gomes e Torres (2005), Rodrigues e Ramos (2014). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, apresenta natureza descritiva e interpretativista e é caracterizado como um estudo de caso coletivo. Foram utilizados como instrumento de coleta de dados, o questionário misto e entrevista de grupo focal. A investigação desta pesquisa foi realizada em uma universidade pública do Distrito Federal do Brasil os participantes da pesquisa foram alunos da turma Japonês 5, de nível intermediário, do curso de Língua e Literatura Japonesa. Os resultados sugerem que os participantes entendem o conceito de autonomia como autodidatismo. Os alunos que não se consideram autônomos, afirmaram que necessitam de um professor para que possam ter autonomia em seus estudos. Os que se consideram autônomos justificam que não precisam que o professor os auxilie para estudar fora do ambiente universitário pois tem seus recursos, seja livros didáticos ou meios tecnológicos para suprir seus estudos. Esta pesquisa revelou que todos possuem o hábito de estudar a Língua Japonesa fora do ambiente acadêmico e todos afirmaram que estudam gramática, *kanji* e vocabulário. Suas ações em geral são o uso de livros didáticos, revisão de vocabulário, exercícios usando *flashcards* como o aplicativo *Anki* e utilização de mídias como *Youtube*. Por fim, foi constatado que os participantes relacionam tanto a autonomia quanto os hábitos de estudo ao autodidatismo.

Palavras-chave: Autonomia. Hábitos de Estudo. Concepções. Estudo de Língua Japonesa

ABSTRACT

This research is characterized as a study case that investigates the conceptions of autonomy and study habits from intermediate level students of Japanese Language. Thus, the aims of this research was to identify students' conceptions and habits related to their autonomy, identify study habits outside the university environment, as well to analyze students' reflection regarding autonomy conceptions and study habits. Therefore, it was based on the following authors in which has related autonomy researches: Leffa (2003), Moura Filho (2009), Nicolaidis (2003) and study habits: Carvalho (2010), Ferraz and Foltran (2014), Gomes and Torres (2005), Rodrigues and Ramos (2014). It is a qualitative research, presents a descriptive-interpretative nature and characterized as a collective study case. It were used as collection data tool, the mixed questionnaire and focal group interview. The inquire of this research was conducted in a public university in Federal District of Brazil and the participants were students from intermediate level of Japanese Language and Literature graduation. The results suggest that the participants understand the concept of autonomy as self- teaching. Students who do not consider themselves autonomous, have stated they need a teacher so they can have autonomy on their studies. Those who consider themselves autonomous, justifies they do not need the teacher to help them to study outside the university environment because they have their resources, as textbooks or technological means to supply their studies. Everyone has a habit of studying the Japanese language outside the academic environment and everyone has stated they study grammar, *kanji* and vocabulary. Its general actions are the use of textbooks, vocabulary revision, exercises using flashcards such as the app *Anki* and use of medias as *Youtube*. Finally, it was verified that the participants relate both autonomy and study habits to self-teaching.

Keywords: Autonomy, Study Habits, Conceptions, Study of Japanese Language.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - DIFERENTES DEFINIÇÕES PARA AUTONOMIA	5
QUADRO 2 - CONTRA DEFINIÇÕES DE AUTONOMIA	6
QUADRO 3 - CARACTERÍSTICAS DOS PARTICIPANTES	21
QUADRO 4 - PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS	24
QUADRO 5 - HÁBITOS DE ESTUDO DOS ALUNOS	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Contextualização de pesquisa: Justificativa e problematização	1
1.2 Objetivo geral	1
1.3 Objetivos específicos	1
1.4 Perguntas de pesquisa	2
1.5 Organização do trabalho	2
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	3
2.1 Autonomia	3
2.2 Hábitos de estudo	10
2.2.1 Métodos, hábitos e estratégias de estudo	10
2.2.1.1 Leitura Ativa	11
2.2.1.2 Consulta a livros e dicionários	11
2.2.1.3 Memorização	12
2.2.1.4 Gerenciamento/Planejamento dos estudos	12
2.2.1.5 Local/Condições do estudo	13
3 METODOLOGIA	15
3.1 Método	15
3.2 Natureza	16
3.3 Contexto da Pesquisa	18
3.3.1 Descrição do curso	18
3.3.2 Descrição da disciplina	19
3.4 Participantes	19
3.5 Instrumentos da coleta de dados	20
3.5.1 Questionário	20
3.5.2 Entrevista com grupo focal	21
3.6 Procedimentos para a coleta de dados	22
3.7 Procedimentos para a análise dos dados	23
3.8 Considerações éticas	24
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	25
4.1 Autonomia	25
4.1.1 Concepções sobre a autonomia por parte dos estudantes	25
4.1.2 Ser autônomo ou não?	28
4.2 Hábitos relacionados ao estudo da língua	31
4.2.1 Hábitos de estudo da língua	31
4.2.2 Ações em geral relacionadas ao estudo da língua	33
4.2.3 Dificuldades	34
4.3 Reflexões sobre a própria aprendizagem	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39

5.1 Retomando os objetivos de pesquisa	39
5.2 Retomando as perguntas de pesquisa	39
5.2.1 Concepções sobre autonomia	40
5.2.2 Hábitos de estudo	40
5.3 Contribuições do estudo	41
5.4 Limitações do estudo	41
5.5 Sugestões para pesquisas futuras	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
APÊNDICE A	45
APÊNDICE B	46
APÊNDICE C	50

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização de pesquisa: Justificativa e problematização

Como estudante de graduação do curso de Letras-Japonês, por experiência própria e também com relatos dos alunos, pude perceber que ao decorrer dos semestres que parece que não temos a autonomia de estudar o conteúdo aprendido em sala de aula fora da universidade, causando assim, dificuldades no aprendizado. Quando entrei no curso de japonês, alguns alunos não tinham nenhuma noção da Língua Japonesa. Esses alunos para alcançar os demais colegas tiveram que criar estratégias de estudo para que o nível da sala de aula fosse igual. Além disso, os professores implicitamente e explicitamente nos dizem que a autonomia de aprendizagem é importante em se tratando em um curso de língua estrangeira e como não há também muitas pesquisas sobre a autonomia na língua japonesa, eu percebi que seria de grande contribuição para os alunos e professores do curso relacionar este conceito com os hábitos de estudo fora da universidade.

1.2 Objetivo geral

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as concepções e hábitos de estudar relacionados à autonomia na aprendizagem dos estudantes universitários de língua japonesa de Japonês 5 do nível intermediário.

1.3 Objetivos específicos

A fim de alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos três objetivos específicos, a seguir:

- a) verificar as concepções sobre a autonomia por parte dos estudantes de graduação de língua japonesa do nível intermediário;
- b) identificar os hábitos de estudar dos estudantes acima mencionados;

- c) analisar as reflexões feitas pelos estudantes relacionadas à autonomia de aprendizagem com os hábitos de estudar.

1.4 Perguntas de pesquisa

Para atingir os objetivos de pesquisa, foram elaboradas três perguntas específicas de pesquisa, a seguir:

- a) Quais são as concepções sobre a autonomia por parte dos estudantes de graduação de língua japonesa, da disciplina Japonês 5 do nível intermediário?
- b) Quais são os hábitos de estudar dos estudantes acima mencionados fora do contexto acadêmico?
- c) Qual é a reflexão dos estudantes sobre a relação entre as concepções relacionadas à autonomia de aprendizagem e os seus hábitos de estudar?

1.5 Organização do trabalho

O presente trabalho divide-se em cinco (5) capítulos e três (3) apêndices, os capítulos estão organizados da seguinte forma:

Capítulo 1 - Introdução. Neste capítulo são apresentadas a contextualização da pesquisa, a justificativa, problematização e por fim os objetivos e perguntas de pesquisa.

Capítulo 2 - Fundamentação teórica. Nesse capítulo são abordados os conceitos de autonomia e hábitos de estudo.

Capítulo 3 - Metodologia. Nesse capítulo são apresentados, o método, a natureza de pesquisa, a abordagem de investigação, a descrição do contexto, dos participantes, dos instrumentos da coleta de dados e dos procedimentos da coleta e análise de dados.

Capítulo 4 - Análise. As respostas dos participantes serão apresentadas, analisadas e interpretadas.

Capítulo 5 - Considerações finais. Nesse capítulo serão retomados os objetivos específicos e perguntas de pesquisa e serão apresentadas as contribuições e limitações do estudo e para finalizar, sugestões para pesquisas futuras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo serão apresentadas as teorias que fundamentaram esta pesquisa e serão divididas em duas partes. A primeira é sobre a autonomia, a segunda é sobre os hábitos de estudo em LE², apresentados nas subseções a seguir.

2.1 Autonomia

De acordo com Nicolaidis (2003 p. 23), a autonomia é uma palavra-chave essencial para novos formadores do mercado de trabalho e também para seus estilos de vida que serão enfrentados no cotidiano. A palavra autonomia, de origem grega *autonomía* é definida no dicionário Aurélio (1999, p.299) como “faculdade de se governar por si mesmo”.

Pereira (2015) pondera que, em algum dia, as pessoas em suas mais diversas atividades disseram ou ouviram a palavra autonomia a partir de discursos como por exemplo “A autonomia é muito importante.”; “Sem autonomia não há sucesso.”; “Seja mais autônomo”. Porém, não há momentos de pausa para refletir o que seria autonomia de fato e quais são as ações de um ser autônomo.

Segundo Benson (2001 *apud* MOURA FILHO, 2009 p. 256) as primeiras associações entre a autonomia e aprendizagem tiveram início em 1971 com o projeto Língua Moderna da Europa (*Europe’s Modern Language Project*) e a partir disso foi criado o Centro de Pesquisas e de Aplicações em Língua Estrangeira (*Centre de Recherches et d’Applications em Langues – CRAPEL*). Que teve como fundador Yves Châlon, considerado por Benson o pai da autonomia da aprendizagem de línguas. Após a morte precoce de Châlon, Henri Holec assumiu o CRAPEL e em 1981 produziu um relatório para o Conselho Europeu. Com este, foi-se estabelecido a associação entre a autonomia e a aprendizagem de línguas.

Benson e Voller (1997 *apud* MOURA FILHO, 2009, p. 256) consideram que a “autonomia de aprendizagem” é utilizada pelo menos, nestes contextos a seguir:

- a) situações nas quais o aprendiz estuda totalmente por conta própria;
- b) conjunto de habilidades que podem ser aprendidas e aplicadas na aprendizagem autodirigida;
- c) capacidade inata que é suprimida pela educação institucionalizada;

d) exercício da responsabilidade pelos aprendizes por sua própria aprendizagem;

e) direito dos aprendizes de determinarem a direção de sua própria aprendizagem.

O aprendiz autônomo sempre busca, a partir de sua independência, sem a ajuda de terceiros, suprir suas necessidades com responsabilidade.

Em relação às definições de autonomia Moura Filho (2009, p. 256) explica que uma vez que existem vários conceitos dados por vários pesquisadores, falta consenso em relação às definições da autonomia de aprendizagem de línguas, requerendo mais debates teóricos.

QUADRO 1 - DIFERENTES DEFINIÇÕES PARA AUTONOMIA

Autor	Definição
Holec (1981)	[...] autonomia é a habilidade de uma pessoa para assumir a sua própria aprendizagem.
Young (1986)	[...] a ideia fundamental em autonomia é a de que o aprendiz pode criar seu próprio mundo sem sujeitar-se à vontade alheia.
Dickinson (1987)	[...] autonomia descreve a situação na qual o aprendiz é totalmente responsável por todas as decisões relacionadas com a aprendizagem e com a implementação dessas decisões. Na autonomia total, não há envolvimento de um professor ou de uma instituição e o aprendiz é, também, independente de material preparado especialmente para ele.
Allwright (1990)	[...] autonomia é um estado de constantes mudanças que possui, a qualquer hora, um estado de equilíbrio entre o máximo autodesenvolvimento e interdependência humana.
Little (1991)	[...] autonomia é a capacidade para distanciamento, reflexão crítica, tomada de decisão e independência de ações.
Dickinson (1994)	[...] autonomia na aprendizagem é, essencialmente, uma questão de atitude diante da aprendizagem.
Benson (1996)	[...] autonomia é, invariavelmente, a problematização de papéis sociais e relações de poder. O processo de autonomia na aprendizagem é, necessariamente, a transformação do aprendiz em um ser social. Em outras palavras, a autonomia transforma não apenas os indivíduos, ela transforma, também, as situações e estruturas sociais das quais eles são participantes.
Cotterall (1995)	[...] autonomia é o ponto em que os aprendizes demonstram habilidade para usar um conjunto de táticas para assumir o controle da aprendizagem.
Macaro (1997)	[...] autonomia é a habilidade de o aprendiz assumir a responsabilidade por sua aprendizagem e é, também, a habilidade de tomar para si a responsabilidade pela escolha de objetivos, conteúdo, promoção, métodos e técnicas de aprendizagem. É, também, uma habilidade de tornar-se responsável pelos passos e ritmo da aprendizagem e pela avaliação desse processo.

Johnson & Johnson (1999)	[...] a autonomia é baseada no princípio de que os aprendizes devem assumir o máximo de responsabilidade e controle sobre seus próprios estilos de aprendizagem e estágios fora das restrições da sala de aula tradicional
Benson (2001)	[...] autonomia é a capacidade de alguém controlar sua própria aprendizagem.
Paiva (2005)	[...] autonomia é um sistema sócio-cognitivo complexo, sujeito a restrições internas e externas. Ela se manifesta em diferentes graus de independência e controle sobre o próprio processo de aprendizagem, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisão, escolhas, e avaliação tanto como aprendiz de língua como seu usuário, dentro ou fora da sala de aula.

Fonte: Moura Filho (2009, p. 257-258)

Moura Filho (2009, p. 258) explica que as inúmeras definições de autonomia decorrem do fato de envolver, por exemplo, a complexidade dos aspectos afetivo, cognitivo, metacognitivo e social. Por isso, por conta dos pesquisadores que definiram a autonomia darem preferência a alguns aspectos, outros pesquisadores, motivaram-se a propor contra-definições para contribuir com tal compreensão.

QUADRO 2 - CONTRA-DEFINIÇÕES DA AUTONOMIA

Autor	Contra-definições
Little (1991)	<ol style="list-style-type: none"> 1) não é auto-instrução ou aprendizagem sem professor; 2) não envolve o banimento das intervenções ou iniciativas do professor no processo de aprendizagem; 3) não é algo que os professores fazem para os alunos; 4) não é um comportamento único facilmente identificado; 5) não é um estado estável que, alcançado pelos aprendizes, dura para sempre.

Dickinson (1994)	<p>1) autonomia não é licença para comportamentos irrestritos. Ela só faz sentido se operar inserida em uma estrutura organizada. Por exemplo: os aprendizes adultos são livres para frequentar ou não a escola, mas se eles a frequentarem, devem aceitar as convenções do ambiente e os papéis e direitos de todos os atores sociais envolvidos no contexto;</p> <p>2) autonomia não é basicamente uma questão de espaço físico de aprendizagem. Por exemplo: frequentemente a autonomia é vista como uma questão limitada à colocação do aprendiz em isolamento ou em um centro de auto-acesso, pressupondo que o espaço físico é determinante na definição de autonomia;</p> <p>3) autonomia não é uma ameaça ao emprego dos professores. Aos professores cabem novas funções, dentre elas estimular os aprendizes e exercer o papel de consultor, apoiando a aprendizagem dos alunos.</p>
------------------	--

Fonte: Moura Filho (2009, p. 258)

Benson (1997, p.18-34 *apud* MOURA FILHO, 2009 p. 260) explica que mesmo que haja diversas definições para autonomia, houve pouca discussão em relação ao significado da autonomia dentro do tema da aprendizagem de línguas. A partir disso, o autor citado (1997) acrescenta outra contribuição importante em relação aos conhecimentos incorporados à base da autonomia de aprendizagem. As dimensões técnica, psicológica e política possuem relação entre si com as três abordagens do conhecimento mais importantes nas ciências humanas e sociais, que são o Positivismo, o Construtivismo e a Teoria Crítica.

Na autonomia técnica, Benson (1997 *apud* MOURA FILHO, 2009 p. 260) pondera que a aprendizagem da língua ocorre fora do contexto formal, que seria o acadêmico, sem a mediação de um professor. Esta é vista em situações em que o aprendiz é obrigado a lidar com a aprendizagem independente. Este conceito é relacionado com o positivismo, que parte do pressuposto que o conhecimento é representado, não totalmente, pela realidade objetiva.

Na questão da autonomia psicológica, o autor citado (1997, *apud* MOURA FILHO, 2009, p. 260) define que o desenvolvimento do aprendiz em relação à autonomia é transformado internamente, em casos situacionais e assume maior responsabilidade na própria aprendizagem, mas não demonstra total independência.

Benson (1997 *apud* MOURA FILHO, 2009, p.260-261) reconhece a autonomia política como o controle que o aprendiz, a partir do contexto no qual está inserido exerce sobre os processos em relação à aprendizagem.

Acrescentando-se a estas versões de autonomia, Paiva (2005 *apud* PEREIRA, 2015 p. 37) propõe a definição de autonomia econômica como a “independência econômica para escolher onde estudar e para ter acesso aos materiais e tecnologias que dão suporte à aprendizagem”. O autor explica brevemente que estes conceitos em um ou mais dos seguintes pontos são usados:

- a) capacidade inata;
- b) conjunto de habilidades que podem ser aprendidas (BENSON, 1997);
- c) responsabilidade sobre a própria aprendizagem;
- d) controle sobre o conteúdo e o processo, autodireção, autogerenciamento;
- e) o direito/liberdade para fazer suas próprias escolhas e para construir a

própria aprendizagem.

Como o objetivo da presente pesquisa é investigar as concepções e hábitos de estudar relacionados à autonomia de aprendizagem, é essencial que se compreenda as características de um aprendiz autônomo.

De acordo com Castro e Seba (2010, *apud* PEREIRA, 2015 p. 38) pesquisadores renomados (RUBIN, 1975; DICKINSON, 1987; NAIMAN *et al.*, 1996) indicam de modo geral quais são as características apresentadas por um aluno autônomo, são elas:

- a) participa ativamente do seu processo de aprendizagem;
- b) tem um forte desejo de se comunicar na língua-alvo;
- c) cria oportunidades para praticar o que aprendeu dentro e fora da sala de aula;
- d) está atento à forma e procura padrões na língua;
- e) identifica seus problemas relacionados à aprendizagem e sabe como lidar com eles;
- f) utiliza as estratégias de aprendizagem flexivelmente de acordo com as exigências das tarefas;
- g) sabe lidar com as suas necessidades afetivas;
- h) aprende a partir dos próprios erros, não tem medo de ser corrigido e corre riscos durante a aprendizagem;
- i) planeja, direciona, monitora e avalia o seu processo de aprendizagem;
- j) colabora com os outros.

Para Nicolaidis (2003, p. 37) a definição de Holec sobre a autonomia, no qual ele define que “[...] é a habilidade de uma pessoa para assumir a sua própria aprendizagem.” é a que mais se encaixa em se tratando de aprendizagem autônoma. Partindo dessa definição, o aprendiz deve ter a responsabilidade sobre a sua aprendizagem, controlar seu ritmo, tempo e respeitar suas preferências. Também, a autora ressalta que mesmo que a autonomia seja uma capacidade que está existente no indivíduo, ela precisa ser desenvolvida e dessa forma o papel do sistema educacional tem extrema importância. A autora citada (2003, p. 37-38) realça que a questão do contexto não está evidente na definição de Holec. Assim, esta destaca as características em que o aprendiz se encarrega por sua própria aprendizagem, são elas:

- a) saber definir suas metas;
- b) entender seu papel de aprendiz como responsável pelo processo de busca e aquisição do conhecimento;
- c) estar apto a definir as formas de buscar seu conhecimento desenvolvendo habilidades e técnicas para trabalhar de forma independente e em outros contextos diferentes do acadêmico;
- d) ser capaz de detectar suas dificuldades e procurar soluções para serem implementadas, tendo maior controle sobre sua aprendizagem;
- e) conseguir avaliar-se não só ao final, mas durante o processo de aprendizagem;
- f) desenvolver a capacidade de exercer autonomia como aprendiz nas oportunidades oferecidas pelo contexto de forma responsável e assim, tomar consciência de seu papel de modificador do meio social no qual está inserido.

Devido ao fato de existirem diversas definições sobre a autonomia, é difícil discutir qual seria a mais adequada visto que é explicada em vários contextos. Como a pesquisa presente se enfoca no ensino de línguas, serão adotadas para o nosso trabalho as definições de autonomia por Macaro (1997, p.198) que define a autonomia como a habilidade que o aprendiz possui de assumir a sua aprendizagem e capacidade de tomar para si a responsabilidade para escolher seus objetivos, conteúdos, promoções, métodos e técnicas de aprendizagem e também possuir a capacidade de se responsabilizar por seus próprios passos e avaliar tal processo; somando a isso, a definição de Paiva (2005, *apud* MOURA FILHO, 2009, p. 258) que explica que a autonomia é apresentada em graus divergentes de independência em relação ao processo de aprendizagem tanto do aprendiz quanto aquele que usa a língua dentro ou fora do ambiente de sala de aula.

2.2 Hábitos de estudo

De acordo com Hadwin e Winne (1996, *apud* GOMES; TORRES, 2005 p.254) a noção do hábito de estudar tem um crescente crescimento por parte dos investigadores devido à demonstração na maioria das vezes a relação entre o desempenho do aluno e seu sucesso escolar.

Silva e Sá (1997 *apud* RODRIGUES; RAMOS, 2014, p. 2) explicam que os problemas em relação a aprendizagem ocorrem em sua maioria, pelo uso inadequado de estratégias de estudo e pela ausência de hábitos e métodos de trabalho que são favoráveis à aprendizagem em que pode acontecer casos de estresse e ansiedade, fatos cada vez mais comuns entre os estudantes universitários.

Santos (2005 *apud* RODRIGUES; RAMOS, 2014, p. 2) afirma que o processo de aquisição de conhecimentos, atitudes e comportamentos através do estudo ou da experiência estão relacionados ao âmbito da aprendizagem. A autora citada (2005) pondera que não é só somente os alunos inteligentes que possuem mais sucesso, mas também aqueles que possuem familiaridade com o seu sistema cognitivo, tendo consciência dos seus processos mentais e dos seus estilos de aprendizagem.

Sendo assim, Carita, Silva, Monteiro e Diniz (1997 p. 16) definem os hábitos de estudo como “[...] Estratégia de diversificação de apoio aos alunos o qual visa a aquisição e/ou desenvolvimento de um conjunto de competências básicas de estudo e que são suscetíveis de otimizar o rendimento escolar”. Rodrigues e Ramos (2014, p. 2) também ao complementar a definição de hábitos de estudo, explicam que o ato de desenvolver hábitos e estratégias de estudo possui como objetivo fazer com que o estudante seja proporcionado com condições e acessos mentais que permitem a possibilidade no qual a aprendizagem seja mais efetiva e autônoma em situações de pressão e ansiedade.

2.1.1 Métodos, hábitos e estratégias de estudo

Neste tópico, serão apresentados alguns métodos e estratégias de estudo utilizados na aquisição de língua estrangeira, que são essenciais para que o aluno obtenha sucesso no ambiente escolar e universitário.

2.1.1.1 Leitura Ativa

Santos (2005 *apud* RODRIGUES; RAMOS, 2014, p. 3) define a leitura como o ato de ler, mas explica que não é somente no âmbito visual e sim buscar a interpretação, a compreensão do que está escrito. A autora explica que as competências da leitura envolvem a identificação da ideia principal, dar atenção a alguns aspectos, relacionar fatos e realizar as conclusões. Destaca-se também que a antecipação é uma operação em que o aluno faz normalmente, é constantemente utilizado.

McGinty (2002 *apud* RODRIGUES; RAMOS, p. 3) aponta que ler apenas uma vez raramente será suficiente, visto que com uma única leitura os estudantes tendem a fazer antecipadamente seus comentários e conclusões e caso realizassem uma segunda leitura, sua compreensão e memorização seriam mais rápidas.

A partir de suas concepções sobre a leitura, Carrilho (2005 *apud* RODRIGUES; RAMOS, p. 3) completa que esta não é uma capacidade inata mas sim obtida através de exercícios contínuos e sistemáticos nos quais o estudante pode aprimorar gradualmente, conseguindo sucesso nos âmbitos acadêmico e profissional.

2.1.1.2 Consulta a livros e dicionários

Rodrigues e Ramos (2014, p. 9) explicam que os estudantes e profissionais em seu cotidiano são situados em acrescentar e selecionar informações, primeiramente deve-se utilizar meios disponíveis que estão em constante mudança e após isso, fazer a seleção e redução das fontes bibliográficas. A autora pondera que estes métodos propõem a facilitação da aprendizagem e também mostra resultados rápidos, preservando tempo, energia e motivação.

Durante a aquisição de línguas estrangeiras, a cada período os alunos utilizam livros didáticos obrigatórios, mas às vezes, este material pode não suprir a aprendizagem do aluno, destacando a importância do uso de outros recursos, não só livros, dicionários mas também os meios tecnológicos são suportes de extrema relevância, visto que precisamos sempre ter contato para adquirir as quatro competências (ouvir, falar, ler e escrever).

2.1.1.3 Memorização

Gonzalo (1999 *apud* RODRIGUES; RAMOS, 2014, p. 9) explica que a memorização faz parte do processo de aquisição e manutenção da aprendizagem, sendo a atenção e a concentração os dois fatores mais importantes pois quanto maior a manifestação destes dois, melhor será a memorização e como resultante, a aprendizagem.

Santos (2005 *apud* RODRIGUES; RAMOS, 2014, p.10) define a memorização como “o ato de reter uma informação para utilização posterior” e com isso reitera que, há uma tendência em confundir o ato de memorizar com decorar pois, decorar se resume apenas em obter uma informação mas não saber utilizar posteriormente em outras situações conseqüentemente, não despertando o interesse do aluno em aprender de fato.

Rodrigues e Ramos (2014, p. 10) explicam que a memorização é processada em três fases:

- a) compreensão: O ato de aprender o novo conteúdo;
- b) retenção: O ato de fixar o conteúdo;
- c) evocação: O ato de relembrar o conteúdo aprendido.

Gonzalo (1999 *apud* RODRIGUES; RAMOS, 2014, p.10) conclui que o ato de estudar faz com que a memória esteja sempre presente, então para garantir que a matéria não seja esquecida, é necessária a elaboração de um método rígido para que assim, se tenha uma aprendizagem integral.

2.1.1.4 Gerenciamento/Planejamento dos estudos

Santos (2005 *apud* RODRIGUES; RAMOS, 2014, p. 10) interpreta a gestão do tempo como o ato de utilizar o tempo de forma coerente, conforme o estabelecimento de algum objetivo, no caso o estudo.

É importante complementar que é natural os alunos se ocuparem com outras atividades seja com música, esportes ou o convívio com outras pessoas. Mas é importante destinar um tempo para os estudos, estabelecendo suas regras e

propriedades e colocar cada tarefa com seu tempo adequado. (ESTANQUEIRO, 2000 *apud* RODRIGUES; RAMOS, 2014, p. 10).

No momento da elaboração do plano de estudo, este não deve ser muito rígido nem destrinchado para que o estudante não se sinta incapaz de ser exigente consigo mesmo. (RODRIGUES; RAMOS, 2014, p. 11).

Costa *et al.* (2005 *apud* RODRIGUES; RAMOS, 2014, p. 11) sugerem algumas estratégias para que os alunos possam gerenciar seu tempo de estudo de forma eficaz, abaixo segue algumas sugestões escritas pelos autores:

- a) plano semanal de atividades;
- b) definição das horas de estudo/horas mais rentáveis;
- c) folha de registro de tarefas;
- d) planificação da semana;
- e) calendário escolar anual.

2.1.1.5 Local/Condições do estudo

Na opinião de Costa *et al.* (2005 *apud* RODRIGUES; RAMOS, 2014, p. 14) o local mais adequado para estudar deve ser o mais cômodo e simples possível e também o mais importante, confortável. Recomenda-se que no local não haja empecilhos para atrapalhar os estudos como televisão, rádio, cartazes etc. É importante também que o espaço e o local sejam fixos para que se converta em um ambiente subjetivo e pessoal. Além disso, os autores citados (2005) enfatizam que há uma soma de fatores externos para que o estudo seja realizado com êxito, sendo eles:

- a) iluminação;
- b) temperatura;
- c) ventilação;
- d) mobília;
- e) acústica;
- f) sem excesso de estímulos.

Sendo assim, nesta pesquisa, os hábitos de estudo são definidos como estratégias criadas pelo aluno para que possua mais contato pela língua fora do ambiente universitário. Vale ressaltar que, o japonês por não ser uma língua ocidental, é importante criar estratégias de estudo fora de sala de aula para complementar os estudos, por ser uma língua que não está sempre presente no nosso cotidiano, a imersão terá de ser maior, para trabalhar melhor as quatro habilidades (ouvir, falar, ler escrever).

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, serão apresentados os meios nos quais a metodologia de pesquisa foi elaborada, sendo eles o método, natureza da pesquisa, a descrição do contexto, participantes, dos instrumentos e procedimentos da coleta de dados e por fim os procedimentos da análise dos dados.

3.1 Método

O método escolhido para a elaboração desta pesquisa é o qualitativo. Segundo Telles (2002, p. 101) cada método utilizado depende do objeto em que o pesquisador está estudando. As opções de pesquisa ajudam o pesquisador a produzir conhecimentos importantes para uma melhor construção do ambiente acadêmico e também na prática dos estudantes (TELLES, 2002, p. 101). O autor também acrescenta que no momento da coleta de dados, o pesquisador deve atentar que estes são sobre as pessoas e mostram a realidade em que frequentam (TELLES, 2002, p. 102).

De acordo com Bogdan e Biklen (1982 *apud* LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11) “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.” Sendo assim, o pesquisador com as ideias refletidas estará mantendo contato com a realidade dos participantes e a partir disso, procura entender e refletir sobre tais fatos e acontecimentos que serão descritos por eles. Richardson (1999 *apud* RAUPP; BEUREN, 2003, p. 92) destaca que falar de forma qualitativa sobre o problema, é o mais adequado para conhecer as relações sociais, e por esse motivo, alguns problemas podem ser investigados de modo quantitativo, mas com outro foco, no qual a metodologia qualitativa é prioritariamente inserida.

Na pesquisa qualitativa, Manning (1996 *apud* NEVES, 1996, p. 4) explica que os participantes, ao utilizarem a linguagem expressiva no momento da coleta de dados, principalmente na entrevista, toma um pouco mais de tempo do pesquisador para que sejam decodificadas e posteriormente analisadas. Além disso, o ato de

coletar, organizar e analisar os dados requer muito trabalho e tempo.

No momento da realização da pesquisa, Lüdke e André destacam que a perspectiva dos participantes é um fator essencial para que o pesquisador possa perceber a forma na qual eles analisam cada uma das questões que serão relatadas e além disso, ao momento de conferir as respostas, é necessário discuti-las para compreender se os objetivos irão ser respondidos (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12). Em relação às questões, enfatizam que no começo o foco será um pouco mais amplo, porém a medida que a pesquisa vai sendo realizada, vai enriquecendo de uma forma em que torna-se único (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13).

Após a apresentação de algumas definições, características, vantagens e desvantagens do método abordado, percebe-se que a metodologia mais adequada a ser utilizada nesta pesquisa é a qualitativa, pois o objeto de estudo são as concepções e as ações relacionadas à autonomia de aprendizagem dos estudantes universitários de língua japonesa, sendo o ambiente fora da universidade o espaço delimitado.

3.2 Natureza

O estudo de caso foi escolhido para compor esta pesquisa. Segundo Telles (2002, p. 108) esta modalidade é utilizada quando o pesquisador deseja concentrar em apenas uma parte em essencial, um caso, e que isto seja amplamente investigado e posteriormente esclarecido.

Johnson, por sua vez, afirma que o estudo de caso é “uma unidade de análise, isto é, pode ser um professor; um aluno; uma sala de aula; uma escola; uma instituição; ou mesmo uma comunidade” (1992, p. 75). No caso da presente pesquisa, é investigar as concepções e as ações relacionadas a autonomia de aprendizagem dos estudantes de uma sala de aula de língua japonesa (vide adiante).

A presente pesquisa também é classificada como um estudo de caso coletivo. Conforme a classificação de Stake (1994), o estudo de caso pode ser:

- a) intrínseco;
- b) instrumental;
- c) coletivo.

O estudo de caso intrínseco investiga um problema em particular, o pesquisador não irá utilizar outros casos como referência, a partir de um caso específico de uma pessoa isto será analisado. O estudo de caso instrumental é utilizado quando o pesquisador, a partir de interesses externos, foca um caso em particular para fornecer tais informações. E por fim, o estudo de caso coletivo é usado quando o pesquisador estuda um número maior de casos para um objeto de estudo em específico, o autor citado (1994), explica que este estudo é o que tem mais compreensão pois quanto mais casos o pesquisador estudar, melhor será a relação com as teorias adquiridas.

Sendo assim, o estudo de caso desta pesquisa será o coletivo, pois, no caso investigaremos as concepções sobre autonomia e hábitos de estudo dos alunos no caso, Japonês 5 de uma universidade pública no DF

Lüdke e André, (1986, p. 18-20) destacam as principais características do estudo de caso sendo elas:

- a) Visar a descoberta: O investigador, a partir do referencial teórico, deve estar sempre atento para que ele possa averiguar novos elementos que possam ser encontrados durante a pesquisa;
- b) Enfatizar a “interpretação em contexto”: O local e a situação em que se encontra e também as ações devem ser colocadas em relevância;
- c) Descrever a realidade de forma completa e profunda: O pesquisador busca revelar e focar os vários aspectos presentes nas várias circunstâncias em que se encontra;
- d) Usar uma variedade de fontes de informação: O investigador deve analisar a uma diversidade de dados, entre os informantes e os contextos em que está no momento da pesquisa.
- e) Render experiência vicária e permite “generalizações naturalísticas”: A generalização naturalística (STAKE, 1983) ocorre em função do conhecimento experiencial do sujeito no momento em que este tenta associar dados encontrados no estudo com dados que são frutos das suas experiências pessoais;
- f) Buscam representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social: O investigador, com o objetivo de chegar às suas próprias conclusões, traz suas diferentes opiniões para que os usuários possam deduzir sobre;

- g) Utilizar uma linguagem e uma forma mais acessível: Ao apresentar os dados, eles podem ser explicados em forma de dramatização, desenho, fotografia, colagem, *slide*, discussões etc. Porém, ao relatar, é escrito informalmente, com narrações, com figuras de linguagem para que o leitor esteja familiarizado.

Cada item acima na pesquisa em questão será relacionado. A partir das referências teóricas sobre a autonomia de aprendizagem algumas questões novas podem ser encontradas. Também, não só o ambiente fora da universidade mas o contexto de sala de aula e as ações relacionadas a autonomia serão observadas, buscando descrever o máximo de aspectos presentes. Os dados coletados serão minuciosamente analisados, e no momento disso, pode ser que o pesquisador possa associar com suas experiências pessoais, expondo suas opiniões para criar discussão entre os participantes e lembrando que a linguagem deve ser acessível, podendo utilizar diversos recursos. Deve-se destacar que estas fases não são seguidas de forma linear, podendo haver algumas variações entre uma e outra.

3.3 Contexto da Pesquisa

O contexto da presente pesquisa se encontra no ambiente fora de sala de aula com foco nos alunos da disciplina do nível intermediário, Japonês 5 do curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa de uma universidade pública do Distrito Federal. Os estudantes têm aula duas vezes por semana, com duração de uma hora e quarenta minutos, no período noturno.

3.3.1 Descrição do curso

O curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa possui um total de nove semestres, com dois níveis, básico e intermediário sendo o nível básico, do primeiro até o quarto semestre, o livro *Nihongo Shoho* é utilizado e a partir do quinto semestre até o oitavo, no nível intermediário, são utilizados os livros *Nihongo Chukyuu I* (quinto e sexto semestre) e *Nihongo Chukyuu II* (sétimo e oitavo semestre), todos são da Fundação Japão. Além das matérias de Língua Japonesa, durante os primeiros quatro semestres, o curso oferece matérias obrigatórias de

sociedade e literatura japonesa, no sétimo semestre, sobre a metodologia de ensino e no oitavo e nono semestres são oferecidas disciplinas de estágio supervisionado voltadas para despertar a habilidade da docência. O último semestre é dedicado para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Em adição, há matérias obrigatórias de educação e psicologia para serem feitas durante o curso.

3.3.2 Descrição da disciplina

Na disciplina Japonês 5, os alunos já são capazes de compreender toda a gramática básica do japonês e, o objetivo desta, como mostra a ementa do *site* da Universidade, é fazer com que o aluno possa ter as aquisições das competências linguística, comunicativa e cultural e visar que sejam capazes de ler, escrever, entender e falar em japonês, assuntos gerais.

3.4 Participantes

Os participantes selecionados para a pesquisa são alunos da disciplina Japonês 5. Por ser uma disciplina do nível intermediário, os alunos já possuem uma certa experiência (de pelo menos, dois anos de estudo), comparado ao nível básico, que ainda não estabeleceram por completo quanto à aprendizagem de língua japonesa. Ou seja, o estilo de estudo da língua já está mais consolidado nessa altura. E também, visto que não há mais a obrigação de estudar a gramática como nos quatro primeiros semestres, os hábitos e o foco de estudo provavelmente terão de ser alterados.

A seguir, apresenta-se uma tabela com as características dos participantes, no total, dez alunos concordaram em participar para a coleta de dados desta pesquisa. Respeitando as considerações de ética e preservação da identidade, foram atribuídos pseudônimos.

QUADRO 3 - CARACTERÍSTICAS DOS PARTICIPANTES

Nome	Idade	Sexo	Semestre
Ste	20	Feminino	5
YFM	27	Masculino	5
Den	20	Masculino	5
Rurouni	-	Masculino	7
Maria	19	Feminino	5
Ken	21	Masculino	5
SuGuang	22	Masculino	5
Malu	21	Feminino	5
Ana	20	Feminino	5
Ray	21	Masculino	5

Observação: O participante Rurouni não informou sua idade

3.5 Instrumentos da coleta de dados

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos da coleta de dados: Questionário e entrevista com grupo focal com formato semiestruturado.

3.5.1 Questionário

Vieira-Abrahão (2006, p.221) explica que mesmo que os questionários sejam fáceis de serem aplicados deve-se ter atenção a algumas questões: A linguagem, o conhecimento dos informantes, as respostas claras e a sua extensão. Envolvendo questões abertas e fechadas, tem o objetivo de recolher informações pessoais, curriculares, expectativas e crenças, que podem ser comprovadas ou não através dos métodos qualitativos (VIEIRA ABRAHÃO, 2006, p.222).

O questionário misto, aplicado aos alunos possui perguntas de tipo fechado, para saber o perfil dos estudantes de forma pessoal e curricular e as abertas para entender as concepções pessoais e ações em relação a autonomia da aprendizagem da Língua Japonesa.

Os itens abertos do questionário têm o objetivo procurar mais detalhes das respostas, incluindo as percepções, opiniões e as crenças dos informantes (VIEIRA ABRAHÃO, 2006, p. 222).

O questionário aplicado aos alunos de Japonês 5 via *online* a partir da ferramenta *Google Forms* possui duas partes, a primeira parte possui 12 (doze)

perguntas sobre o perfil dos alunos, incluindo o período em que ingressou na universidade, se possuem certificado de proficiência em língua japonesa, e se já moraram no Japão. Na segunda parte possui 8 (oito) questões sobre a autonomia de aprendizagem e os hábitos de estudo fora da Universidade (vide apêndice B).

3.5.2 Entrevista com grupo focal

Na coleta de dados, a entrevista é um recurso comumente usado, se não a técnica mais utilizada nos trabalhos de ciências humanas. Ela promove a interação e constrói o respeito entre o entrevistador e o entrevistado e para que discutam sobre o objeto em que está sendo pesquisado. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33). Em se tratando das vantagens deste instrumento, Lüdke e André (1986, p. 34) descrevem que a entrevista possibilita a intimidade, para que as opiniões sejam mais explícitas do que escritas no questionário. A entrevista é classificada em três tipos: estruturadas, semiestruturadas e livres. As de tipo estruturada, as perguntas são preparadas com antecedência, todas apresentadas em mesma ordem e procura levantar opiniões de um grande número de pessoas (VIEIRA ABRAHÃO, 2006, p. 223).

As entrevistas de tipo livre, não possuem perguntas estruturadas, o pesquisador e os participantes possuem uma livre conversa sobre os tópicos da investigação. BURNS (1999 *apud* VIEIRA ABRAHÃO, 2006, p. 223) atenta que, mesmo que seja o tipo mais aberto, é necessário que tenha algum tipo de controle por parte do pesquisador para que a entrevista não saia do foco.

As semiestruturadas, têm a característica de permitir que o pesquisador seja mais flexível com os participantes. As perguntas são preparadas com orientações e direcionamento, com tópicos e temas emergenciais para que haja mais interação e conta com a vantagem de proporcionar as perspectivas de ambos os lados para compor de forma mais clara o objeto da investigação (BURNS, 1999 *apud* VIEIRA ABRAHÃO 2006, p. 223). Levando em consideração as vantagens citadas acima, o formato da entrevista será semiestruturada.

Nesta pesquisa, será aplicada a entrevista de grupo focal. Backes (2011, p. 439) define a entrevista de grupo focal uma fonte de intensificação das informações a partir de um fenômeno, para ter a possibilidade de criar novas concepções ou pelo estudo profundo de uma ideia. É desenvolvido em grupos com objetivos comuns e a partir do ponto de vista dialético procuram abordar estes assuntos em equipe.

Sobre a facilitação em utilizar a entrevista de grupo focal, Backes (2011, p. 439) destaca que discutir temas pouco comentados, a partir de suas experiências, têm a tendência de gerar comentários críticos e os participantes mais extrovertidos podem deixar os outros mais a vontade a fim de deixar a discussão mais rica.

Sobre as limitações, Backes (2011, p. 439) observa em que em alguns casos, pode haver divergências durante as discussões porém, pode ser uma vantagem para que tenham coragem para defender seus pontos de vista. Outros limites podem ser citados como a dificuldade em preservar o anonimato, as possíveis intervenções do pesquisador e também o perigo de desvio do assunto e apenas um pequeno grupo discutir sobre o assunto, não podendo ter todas as opiniões apresentadas.

Após a aplicação do questionário, os alunos foram selecionados para a entrevista. O critério de seleção baseou-se nas respostas dos participantes. Aqueles que responderam que possuem ou não possuem a autonomia foram selecionados para a entrevista para verificar a fundo suas crenças e ações. Então, foram separados em três grupos para a entrevista focal:

Grupo 1 - Aqueles que responderam que NÃO possuem a autonomia;

Grupo 2 - Aqueles que responderam que POSSUEM a autonomia;

Grupo 3 - Aqueles que responderam que POSSUEM a autonomia.

Para compor a entrevista e em cada uma, foram realizados dois grupos, ou seja, será realizada a entrevista com grupo focal pois, como o objetivo desta, levando em consideração as vantagens da entrevista semiestruturada é levantar as opiniões mais abertas e criar discussão entre eles sobre a autonomia de aprendizagem e seus hábitos de estudo, e também a partir das justificativas do questionário que não possuem autonomia, criar reflexões sobre sua própria aprendizagem da língua japonesa.

3.6 Procedimentos para a coleta de dados

Primeiramente, foi aplicado em sala de aula o termo de consentimento aos alunos em sala de aula, na etapa seguinte os questionários mistos, junto aos participantes foram aplicados via *online* na plataforma *Google Forms*. Após isso, ao fazer os acertos e salientar as dúvidas existentes, e para conhecer a fundo as concepções de autonomia e os hábitos de estudo foram feitas as entrevistas de

grupo focal. Vale ressaltar que, inicialmente, teve-se a intenção de realizar a entrevista de grupo focal com três grupos, mas por conta de feriados e paralisações deflagradas, foi possível realizar com apenas dois grupos.

Segue uma tabela abaixo resumida dos procedimentos da coleta de dados:

QUADRO 4 - RESUMO DOS PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

	Data	Local	Duração
Questionário Misto	29/04/2019 à 15/05/2019	Online	N/A
Entrevista de Grupo Focal - Grupo 1	28/05/201 9	Universidade pública do DF	8'44"
Entrevista de Grupo Focal - Grupo 2	29/05/201 9	Universidade pública do DF	9'49"

(Quadro de autoria própria)

3.7 Procedimentos para a análise dos dados

A análise foi feita seguindo o roteiro de investigação:

- a) Identificar as concepções e as relações acerca da autonomia de aprendizagem dos alunos fora do ambiente acadêmico;
- b) Identificar os hábitos e as ações de estudo dos estudantes fora do ambiente acadêmico;
- c) Descrição no que se refere às concepções e às ações relacionadas à autonomia;
- d) Realizar a categorização dos dados;
- e) Analisar as respostas dos alunos sob a relação entre as concepções de aprendizagem e hábitos de estudo.

3.8 Considerações éticas

A pesquisa foi realizada observando as considerações de ética e preservação da identidade dos participantes, utilizando pseudônimos para os participantes, os informando sobre os objetivos da pesquisa, bem como resguardando quaisquer informações que possam de alguma forma, os identificar.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo serão apresentadas a análise e interpretação dos dados coletados do questionário misto e da entrevista grupal em formato semiestruturado aplicado aos estudantes. Primeiramente serão apresentadas as concepções de autonomia por parte dos estudantes (subseção 4.1). Em seguida, serão apresentadas os hábitos e ações relacionados ao estudo de japonês (subseção 4.2) e por último serão apresentadas as reflexões relacionadas à aprendizagem dos alunos (subseção 4.3).

4.1 Autonomia

4.1.1 Concepções sobre a autonomia por parte dos estudantes

Nesta seção, serão apresentadas a análise e interpretação dos dados relacionados à autonomia de aprendizagem, com base na pergunta de pesquisa 1:

Quais são as concepções sobre a autonomia por parte dos estudantes de graduação de língua japonesa do nível intermediário fora do contexto acadêmico?

É importante destacar que nesta investigação, compreende-se autonomia como a habilidade do aprendiz de assumir a responsabilidade, tomando para si a escolha dos objetivos, conteúdo, promoção, métodos e as técnicas de aprendizagem. Complementando também, a habilidade de avaliar a sua responsabilidade pelo seu ritmo e passos. (MACARO, 1997 *apud* MOURA FILHO, 2009, p.257).

A oitava pergunta do questionário misto (vide apêndice B) para os alunos é, o que eles entendem por autonomia.

Os alunos responderam com a seguinte afirmação (grifo nosso):

[1] **Ser capaz de estudar e de fato aprender, sozinho**, com qualidade igual ou superior ao ensino auxiliado. (QME - YFM)

[2] A capacidade de, mesmo que contando com pessoas mais experientes, **buscar respostas por conta própria** e trabalhar constantemente na melhoria de si. (QME - Átila)

[3] **Conseguir fazer as coisas sozinho, sem necessitar da ajuda de outra pessoa.** No caso do estudo, ser autodidata. (QME - SuGuang)

[4] **Não depender de alguém lhe dizendo o que fazer, conseguir fazer suas atividades por conta própria.** (QME - Ana)

[5] Capacidade de **realizar uma atividade sem ajuda.** (QME - Ray)

[6] **A busca por conhecimento** na LE **sem precisar** de tanta supervisão. (QME - Den)

[7] **Procurar** além da sala de aula, **o que você tiver dúvida revisar.** Sempre além do que é proposto. (QME; Doravante Questionário Misto Para Estudantes - Ana)

[8] No caso dos estudos, **eu ir atrás de conhecimento além do que me é passado em aula, [...] ao invés de apenas depender do horário da aula e do(a) professor(a).** (QME - Malu)

Nota-se que os excertos acima possuem palavras em comum como “ser capaz”, “conseguir”, “buscar” “procurar”, “realizar”, podemos considerar tais palavras fazem parte das características específicas em como ser autônomo.

Podemos considerar tais definições a classificação de Benson e Voller (1997 *apud* MOURA FILHO, 2009, p. 256) que explica que a expressão “autonomia de aprendizagem”, entre os contextos citados na seção 2.1, três podem ser utilizados nesta pesquisa:

- a) situações nas quais o aprendiz estuda totalmente por conta própria;
- b) exercício da responsabilidade pelos aprendizes por sua própria aprendizagem;
- c) direito dos aprendizes de determinarem a direção de sua própria aprendizagem.

Pode-se relacionar os excertos também, com as três dimensões da autonomia dentro da aprendizagem de línguas por Benson (1997, *apud* MOURA FILHO, 2009 p. 260. A autonomia técnica é a que mais se identifica. O autor explica que a aprendizagem da língua ocorre fora do contexto de sala de aula e nestas situações o aluno toma iniciativa de suas ações para aprender por conta própria.

É possível constatar então, que eles relacionam o conceito de autonomia ao autodidatismo, ou seja, acreditam que a autonomia é a independência, é estudar

sozinho ou por conta própria, sem precisar de uma terceira pessoa ou de um professor.

Somando-se a esta definição, acrescenta-se um trecho da entrevista de grupo focal realizada com o grupo 2, no qual foi perguntado novamente o que os participantes entendiam sobre autonomia (vide apêndice C) . Abaixo, seguem as respostas (grifo nosso).

“eu vejo que (autonomia) você **consegue seguir o próprio caminho**, você tá lá com suas coisas e você **consegue se virar sem ficar três quatro dias perguntando para o professor**, você **se vira com o que tem e consegue resolver os próprios problemas**”. (EGF- Maria).

[9] “ [...] autonomia eu entendo como... **me ter como um peso maior no processo de aprendizado do que outras fontes...** eu conto mais comigo do que outras fontes ativas que poderiam me ensinar” (EGF - Ken)

Vê-se que os excertos não se relacionam com as contra-definições de autonomia apresentadas por Little (1991 *apud* MOURA FILHO, 2009, p.258) que explica que a autonomia não significa que os ensinamentos e as iniciativas do professor devam ser excluídas durante o processo de aprendizagem, da mesma forma que Dickinson (1994 *apud* MOURA FILHO p.258) acredita que a autonomia não é uma ameaça ao emprego dos professores.

Portanto, pode-se concluir que, as concepções de autonomia de aprendizagem pelos alunos do nível intermediário de língua japonesa se referem a ações específicas que os permitem que estude sozinho sem a intervenção de terceiros.

4.1.2 Ser autônomo ou não?

Na questão 7 do questionário misto, foi perguntado aos alunos se eles se consideram autônomos. Primeiramente, serão mostradas as respostas negativas abaixo (grifo nosso):

[11] **Não.** Não sou **disciplinada** e fico um **pouco perdida** ao tentar achar coisas além dos livros didáticos. (QME - Ste)

[12] **Não.** [...] porque **eu não acho aprendo muito bem sozinho, quando se tratando de gramática e particularidades da língua.** [...] **ter aulas,** torna **meu aprendizado muito mais rápido e fácil,** se comparado com estudo individual. O fato de **frequentar aulas também me "força" a estudar,** fazer dever de casa, estudar pra prova etc. **Se eu não tivesse aulas eu com certeza não estudaria.** (QME – SuGuang).

[13] **Não.** Eu tendo a ter problemas com **procrastinação, quando é muito forte o meu estudo se baseia apenas em revisão de matérias,** além de que eu **não sou tão rígida quanto eu devia ser** quanto aos meu horários. Estou tentando mudar. (QME - Malu).

A aluna Ste, ao alegar que não é uma aluna autônoma, justifica o fato de não ter disciplina e se sentir perdida ao procurar estudar conteúdo extra além do livro didático, dando a concluir que a aluna não possui os comportamentos específicos para realizar a própria aprendizagem.

A aluna Malu justifica o fato de não ser autônoma pois sempre tem o ato de postergar seus estudos, e complementa que acha que não é tão rígida o suficiente em relação aos seus estudos.

SuGuang finaliza se justificando que, não consegue estudar alguns conteúdos específicos como a gramática fora de sala de aula se não frequentar as aulas, ou seja, ele entende que o professor é um motivador para que o este possa estudar o conteúdo sozinho.

Na entrevista de grupo focal, o aluno SuGuang novamente enfatiza que, não consegue aprender o conteúdo por completo sem a ajuda de um professor, e a partir desse comentário, a aluna Malu faz um complemento (grifo nosso):

[14] **“Pelo fato de ter aulas, eu me forço a estudar e eu sinto que quando vou aprender um conteúdo novo, eu aprendo muito mais rápido com um professor e depois eu reviso do que eu estudando sozinho um conteúdo novo”** (EGF - SuGuang)

[15] “[...] eu também acho que **aprendo bem mais fácil com alguém me ensinando como um professor, do que sozinha.**” (EGF - Malu)

A partir dos excertos apresentados destes três estudantes, podemos utilizar novamente as contra-definições de autonomia apresentadas por Little (1991 *apud* MOURA FILHO, 2009, p. 258) na subseção anterior que explica que a autonomia não significa que os ensinamentos e as iniciativas do professor devam ser excluídas durante o processo de aprendizagem. Dickinson (1994 *apud* MOURA FILHO, 2009, p.258) complementa também que cabe novas funções aos professores, como estimular os aprendizes e também realizar a função de consultor, na qual apoia a aprendizagem dos alunos.

Com isso, conclui-se que, os três participantes, acreditam que não possuem autonomia pois precisam de algum motivador, como o professor para que possam criar o ritmo para aprender o conteúdo fora de sala de aula.

Contradizendo as respostas dos alunos acima, seguem alguns excertos abaixo em que mostram os motivos nos quais os outros alunos afirmam que são autônomos (grifo nosso):

[16] **Sim.** Maior parte do meu estudo é **buscando materiais fora do curso e estudando sozinho.** (QME – Den).

[17] **Sim.** Me acho autônomo pois **consigo me manter nos meus mapas de estudos** sem a necessidade de fatores externos para me suprir completamente. Se preciso de um respostas ou materiais para continuar os estudos, **não espero pela iniciativa de professores para me entregarem tais.** (QME - Ken)

[18] **Sim. Consigo estudar** a parte e buscar conteúdo **sozinha.** (QME - Ana)

[19] **Sim. Porque busco conteúdo por fora do curso,** reviso as aulas, **sem necessitar de cobrança externa.** (QME - Ray).

Além dos excertos do questionário misto, é importante também dois excertos da entrevista de grupo focal, que são os motivos nos quais alguns alunos se consideram autônomos (grifo nosso):

[20] “[...] mas é basicamente isso, **porque a gente consegue estudar, igual você perguntou pro Den se ele consegue sanar a dúvida sozinho em casa, sim eu consigo**, porque tipo **eu tenho o material e a internet [...] tendo meus recursos eu consigo me virar sozinha**” (EGF - Ana)

[21] **“Eu não vejo aquela necessidade de sempre ir atrás do professor de perguntar alguma coisa** porque às vezes alguém fala pro professor “ah mas você não disse isso aula passada” ele pode não ter dito mas **eu posso ir atrás muito bem, eu posso ir ver os outros caminhos da aproximação desse tópico que quero ver. Creio que sei me orientar para onde estudo.**” (EGF - Ken)

Os alunos, os quais responderam de forma afirmativa, alegaram que, possuem autonomia pois estão buscando conteúdos a mais e estudando por conta própria sem necessitar da ajuda de alguém para os auxiliar. Estas afirmações são importantes principalmente para mostrar os processos do desenvolvimento da aprendizagem além da sala de aula. Estas ações vão de encontro ao que Leffa afirma:

[...] os pouquíssimos alunos que conheci pessoalmente e que foram capazes de adquirir um conhecimento funcional da língua estrangeira, foram alunos autônomos, alunos que por conta própria foram muito além do que lhes foi exigido na sala de aula. Isso me leva a pensar que, excetuados os casos de imersão, só é possível aprender uma língua estrangeira se o aluno for autônomo. Se não for assim, ele vai ficar apenas no que é dado na sala de aula, e isso não basta para adquirir o domínio de uma língua. (LEFFA, 2003, p. 40).

Contudo, conclui-se que os alunos que declararam que não possuem autonomia justificam que precisam de um motivador para que possa seguir com seus estudos e os que se consideram autônomos justificam a independência em seguir seus métodos de estudo.

4.2 Hábitos relacionados ao estudo da língua

Nesta seção, serão apresentadas as questões referentes aos hábitos e ações dos estudantes de acordo com a pergunta de pesquisa 2:

Quais são os hábitos de estudar dos estudantes de graduação de língua japonesa do nível intermediário?

4.2.1 Hábitos de estudo da língua

A pergunta 1 do questionário misto foi perguntado se os estudantes têm o costume de estudar a língua japonesa. Todos os estudantes responderam de forma afirmativa.

Na segunda questão do questionário misto, foi perguntado aos estudantes caso tivessem respondido sim em ter o costume de estudar a língua japonesa, o que estudam, como estudam. Todos responderam de forma afirmativa. Segue um quadro abaixo, sistematizando assim, seus hábitos de estudo.

QUADRO 5 - HÁBITOS DE ESTUDO DOS ALUNOS

Nome	O que estuda?	Como estuda?	Por quanto tempo? (Por semana)
Ste	<i>Kanji</i> (Ideogramas) e gramática.	Livros, celular e dicionário.	4 horas.
YFM	<i>Kanji</i> , gramática, vocabulário e compreensão auditiva.	Cópia e tradução dos livros didáticos do curso de japonês, uso de aplicativos e com flashcards, exercícios de repetição de <i>kanji</i> e vocabulário, leitura de <i>website</i> para o aprendizado da gramática, solução de dúvidas aos veteranos por telefone ou aos professores via e-mail.	Entre 1 e 7 horas.
Den	Gramática, <i>kanji</i> e vocabulário.	Livros específicos para o teste de proficiência (JLPT) e <i>Anki</i> (aplicativo).	7 horas
Rurouni	Gramática, <i>kanji</i> e vocabulário.	Livros e celular	1 hora

Maria	Gramática, expressões do japonês, kanji e vocabulário.	<i>Anki</i> (aplicativo), dicionário online e computador.	8 horas
Ken	Gramática, kanji, vocabulário e compreensão auditiva.	Uso de livros, dicionários online e computador.	10 horas
SuGuang	Gramática, kanji e vocabulário.	<i>Anki</i> (aplicativo), livros didáticos do curso.	4 à 6 horas
Malu	Gramática e Kanji.	Livros, dicionários e celular	14 horas
Ana	Gramática, kanji e vocabulário.	Livros didáticos do curso, dicionário e uso de <i>flashcards</i> online.	2 à 3 horas
Ray	Gramática, kanji e vocabulário.	Computador, celular, livros didáticos do curso.	8 horas

(quadro de autoria própria)

Primeiramente, ao analisar sobre o estudo de língua japonesa fora de sala, constatou-se que todos os alunos possuem o hábito de estudar o idioma fora do contexto acadêmico. Percebeu-se que os estudantes estudam os tópicos mais importantes da língua japonesa, que são a gramática, *kanji* e vocabulário. Os alunos relatam que utilizam o livro didático oferecido no curso de graduação como material principal, e também apesar de não estar explícito no quadro acima, alguns alunos que fazem o uso de outros livros didáticos como um complemento, estes materiais são como um preparatório para o teste de proficiência. Percebeu-se também que todos os participantes desta pesquisa utilizam as ferramentas online como dicionários e também aplicativos de celular para melhorar o estudo da língua.

A utilização do livro didático do curso é importante para dar uma base de estudo aos alunos, porém utilizar isto e outros livros como um complemento, pode não ser o suficiente para o aprendizado. Soma-se a isto, o uso de tecnologias para facilitar o contato com a língua, contribuindo com um vínculo maior entre o contexto do ensino e o desenvolvimento da cultura fora do ambiente de sala de aula (FERRAZ; FOLTRAN, 2014).

Em relação às horas estudadas por semana, há uma grande variação, há aqueles que estudam apenas uma hora por semana, até aqueles que estudam 14 horas.

4.2.2 Ações em geral relacionadas ao estudo da língua

Na quarta questão do questionário misto, foi pedido aos participantes da pesquisa, mesmo que tivessem ou não tivessem o hábito de estudar, como é o dia a dia em relação aos estudos da língua japonesa fora do ambiente acadêmico. Abaixo segue as respostas (grifo nosso):

[22] Geralmente **quando estou livre de atividades do trabalho** eu me sento em minha mesa, coloco tampões nos ouvidos e **estudo japonês**. (QME - Ana)

[23] Estudo **à noite**, mas também **às vezes antes da aula**. **Em dias de prova estudo apenas antes da aula**. **Tenho um amigo virtual que está aprendendo**, ajudá-lo me faz recordar lições antigas. (QME - YFM)

[24] Normalmente eu arrumo no meu horário pelo menos **uma hora por dia para revisar matéria e estudar vocabulário**. (QME - Malu)Esse semestre [...] **meu horário livre para estudo nas segundas e quartas se concentra no período de 16h às 19h, então costumo ler a lição que será estudada no dia e fazer os deveres de casa nesse horário [...]. Terça e Quinta [...]** como peguei Literatura esse semestre, também tenho que gastar um tempo lendo as obras e textos da disciplina. Consequentemente, **quando sobra tempo eu estudo um pouco de Japonês [...]**. Fora isso, **eu faço meus flashcards diariamente quando encontro tempo, seja no ônibus, quando estiver na UnB ou em casa antes de dormir. [...]** (QME - SuGuang)

[25] **Revisar os flashcards no anki, assistir vídeos do canal nihongo no mori, ler as lições e fazer shukudais (dever de casa)**. (QME - Ray)

Vale acrescentar também sobre a entrevista de grupo focal, os hábitos de estudo relatados por alguns estudantes:

“geralmente eu estudo no trabalho [...]. Quando eu chego não tem muita coisa pra fazer, **então eu paro, separo os materiais, apostilas que tenho [...]** e também uso o **dicionário pelo celular**”. (EGF - Ana)

[26] “Como na faculdade a gente geralmente estuda gramática, [...] **eu uso o soumatome, que é voltado para o JLPT e meio que complementa, ele é auto explicativo, [...]** Mas é meio que **um**

complementa o outro porque o professor te ensina a gramática que também está presente no *soumatome*". (EGF - Den)

[27] "eu também **uso muito do *soumatome***. Em outros quesitos como **kanji** por exemplo, **eu fico tentando mudar os métodos [...] eu ando tentando usar outros [...] como por exemplo criar histórias com os componentes dos kanjis, radicais... [...]**. Na questão de **vocabulário... mídia, eu sempre tento assistir alguma coisa para ver se consigo pegar mais estruturas.**" (EGF - Ken)

Entre os excertos, podemos destacar: Revisar conteúdo já aprendido com outros amigos, revisar vocabulário, estudar a lição do livro didático obrigatório do curso, uso de livros de preparação para o JLPT (*Japanese Language Proficiency Test*; Teste de Proficiência em Língua Japonesa), métodos de estudar *kanji* (ideogramas), o uso de *flashcards* como revisão, assistir vídeos no *Youtube* e fazer os deveres de casa da lição.

Percebeu-se que no geral que as ações de estudo dos alunos se referem ao envolvimento da língua japonesa em sala de aula. Vale complementar mais uma vez que, os alunos da disciplina Japonês 5 estão com o estudo da gramática mais consolidado, pois a partir deste nível, os alunos terão que focar na aquisição de mais *kanji* e vocabulário.

Destaca-se que, os alunos Ken, SuGuang, Ana e Ray possuem o hábito de utilizar mídia e meios tecnológicos para o complemento do estudo da língua japonesa, essas características não fazem parte das ações relacionadas ao estudo no contexto acadêmico, mas estas ações são espontâneas e por influência do próprio aluno.

4.2.3 Dificuldades

Na questão 5 do questionário misto, foi perguntado aos participantes se possuem dificuldades ao estudar a língua japonesa e caso possuam, como procuram solucionar.

Abaixo, segue as respostas (grifo nosso):

[28] **Não.** (QME - Den)

Após verificar esta resposta, foi perguntado ao participante Den, na entrevista de grupo focal quais são motivos que ele afirma que não possui dificuldade em estudar o japonês fora do ambiente universitário (grifo nosso):

[29] “Como **não é uma coisa difícil pra mim**, eu **não vejo nenhuma dificuldade**, sempre aprender o que a gente tá estudando, não é difícil, **eu absorvo rápido**, mas outras coisas (o estudo de outras matérias) é bem difícil, **mas justamente por gostar de japonês acho que não se torna difícil.**” (EGF - Den)

Percebeu-se que o aluno Den não possui dificuldades em estudar japonês por conta do afeto que sente pelo idioma, esta característica é importante apontar pois, por ser uma língua que ainda é considerada rara para um curso de graduação e além do mais estudar na universidade, é esperado que os alunos estudem o idioma por algum fator externo como, por exemplo, o gosto pela cultura.

Ao contrário de Den, todos os participantes afirmaram que possuem motivos pelos quais sentem dificuldade em estudar o japonês fora de sala de aula, abaixo, seguem alguns excertos (grifo nosso):

[30] Peço ajuda aos *senpais* (veteranos), colegas e professores, mas não sem **antes procurar a solução por conta própria, principalmente com a ajuda da internet ou qualquer material de estudo paralelo ao livro-texto.** (QME - YFM)

[31] **Na gramática**, geralmente **mando uma mensagem** para alguém **pedindo ajuda**, para **então solucionar o que eu estou tendo dificuldade.** (QME - Rurouni)

[32] [...] **eu costumo pesquisar na internet frases de exemplo ou em fóruns, de acordo com a dúvida que eu tiver.** (QME - Malu)

[33] Dificuldade na **linguagem oral.** [...] **Para solucionar seria lendo em voz alta os textos/exercícios propostos em sala, ou com músicas.** (QME - Maria)

[34] Por vezes, tenho **dificuldade na compreensão do uso de certas estruturas e vocábulos.** Tendo contornar essa dificuldade **procurando por frases de exemplo para perceber algum padrão nesse uso.** (QME - Ken)

[35] **Sim**, botar em prática a construção de textos, frases e falas. **Eu tendo a treinar e conferir algumas regras gramaticais nos livros e dicionários online.** (QME - SuGuang)

[36] **Sim**, **achar uma sequência correta de estudo**, qual assunto ver primeiro. (QME - Ray)

Nicolaides (2003, p.8) explica que superar as dificuldades e buscar tais soluções é uma característica que o aprendiz precisa ter para assumir a responsabilidade sobre a aprendizagem.

Os participantes YFM e Rurouni relataram que, ao sentir dificuldade, buscam a ajuda de terceiros para solucionar suas dúvidas. Estes relatos não podem ser validados a partir das definições de autonomia ditas por eles, que é o ato de ser independente sem a ajuda de terceiros. O restante dos participantes relatou que no momento de solucionar suas dúvidas, utilizam meios tecnológicos, os livros didáticos do curso ou outros livros, buscam por conta própria. Tais respostas também comprovam com as definições de autonomia declaradas por eles mesmos, que estão relacionadas ao autodidatismo.

4.3 Reflexões sobre a própria aprendizagem

Nesta seção, serão apresentadas as reflexões sobre a aprendizagem dos estudantes, relacionando as concepções de autonomia de aprendizagem e os hábitos de estudo relatados por eles, de acordo com a pergunta de pesquisa 3:

Qual é a reflexão dos estudantes sobre a relação entre as concepções relacionadas à autonomia de aprendizagem e os seus hábitos de estudar?

Na questão 6 do questionário misto, foi perguntado aos participantes, quais são suas reflexões em relação à aprendizagem ao estudar a língua japonesa fora de sala de aula. Abaixo, segue as respostas (grifo nosso):

[37] Que **nunca é o suficiente**. (QME - Ste)

[38] Que **não evolui como eu espero**...Só vai seguindo o que os professores passam. (QME - Maria)

[39] Eles **poderiam ser melhores**. (QME - Malu)

[40] Que **poderia dar mais de mim** ao estudar. (QME - Rurouni)

[41] Acredito que **o estudo à parte é a melhor maneira de fixar o conteúdo aprendido em sala de aula**. Também que ao trazer dúvidas para a sala de aula, contribuindo para o aprendizado dos meus colegas. (QME - YFM)

[42] **Melhor desempenho**, pois acho o **estudo de LE (Língua Estrangeira) um estudo solitário**. (QME – Den)

[43] Creio que, apesar de todo apoio que recebo dos professores, **o estudo em sala de aula me serviu mais como base para iniciar um assunto e como um “tracejo” [...] do fluxo da matéria fazendo que grande parte do aprendizado ocorresse fora da sala de aula.** No entanto, vejo isso de **modo positivo**, pois **acho importante o estímulo da autonomia.** (QME - Ken)

[44] Acredito que seja **essencial para memorização e aquisição de vocabulário.** Principalmente se tratando de flashcards. (QME - SuGuang)

[45] Que parece **que quanto mais estudo mais conteúdo tem**, e isso é algo que considero bem interessante. (QME - Ana)

[46] Positivas, **aprendo quase tão bem quanto dentro de sala.** (QME - Ray).

Os alunos Ste, Maria, Rurouni e Malu relataram que não estão se sentindo suficientes em relação a aprendizagem. A aluna Maria complementa que, apenas segue o que os professores passam. Ao analisar este comentário é possível perceber que ela pensa que o professor é uma pessoa que constrói o seu caminho para os estudos, mas não consegue buscar além do que é passado em sala de aula.

Os outros sete alunos responderam que ao refletir sobre a aprendizagem, afirmam que obtêm resultados positivos sobre isso, três alunos deste grupo, escreveram que o estudo a parte é essencial como uma forma de fixar o conteúdo.

SuGuang afirmou que o uso de outros recursos como *flashcards* é importante para trabalhar a memorização e ter mais aquisição de vocabulário, com isso, acrescenta-se uma pequena citação de Costa *et al.* (2005 *apud* RODRIGUES; RAMOS, 2014, p. 9) que a memória pode ser assumida como a capacidade de relembrar informações armazenadas no cérebro, no qual as imagens são captadas por meio dos nossos sentidos. Com isso, a memorização trata-se da absorção, compreensão e utilização do conteúdo (RODRIGUES; RAMOS, 2014 p. 10).

Podemos destacar também que os alunos ao refletirem sobre a própria aprendizagem, esta faz parte da estratégia metacognitiva de aprendizagem. Entende-se estratégias de aprendizagem como técnicas em que os alunos podem usufruir para adquirir informações, com o objetivo de realizar uma aprendizagem estável e favorável para conseguir maior rendimento. (SIMÃO, 2005 *apud* CARVALHO, 2012, p. 22). As estratégias metacognitivas são utilizadas para guiar

os processos de controle do aluno, como planejar, regular e monitorar os processos cognitivos e seus comportamentos. (BORUCHOVITCH, 2007, RIBEIRO 2002 *apud* CARVALHO, 2012, p.22).

Para relacionar as concepções entre autonomia e hábitos de estudo, perguntou se aos participantes na entrevista de grupo focal o que entendem por hábitos de estudo, abaixo, segue algumas respostas (grifo nosso):

[47] você **ter** de certa forma **uma rotina**, porque se você não tiver essa rotina você faz tudo bagunçado e de vez em quando você estuda muita coisa e tem vez que não estuda nada, eu vejo que **o hábito faz você ter essa rotina**. (EGF - Ana)

[48] “**eu vejo da mesma forma (rotina)**, e nos hábitos de estudo devemos levar em conta não só como uma **regularidade** dos estudos mas também um **espaço para um tempo para imprevistos** [...] e se surgir algum imprevisto você pode lidar mais com esse problema que surgir, eu **creio que seja essa regulamentação...regularização da maneira que você estuda**” (EGF – Ken)

Dessa forma, percebeu-se que os relatos dos participantes sobre os hábitos de estudo, que são criar uma rotina, ter uma regularização nos estudos são estratégias metacognitivas, podem se relacionar com as definições de autonomia pois, para eles, aquele que possui a autonomia, que é a independência, o autodidatismo, ele tem a capacidade de criar hábitos de estudo para melhorar o desempenho no ambiente acadêmico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, iremos retomar os objetivos específicos e as perguntas de pesquisa que foram levantadas neste estudo de caso.

Para finalizar, serão apresentadas as contribuições da pesquisa, bem como as limitações durante o desenvolvimento desta e no final, as sugestões para pesquisas futuras.

5.1 Retomando os objetivos de pesquisa

Esta pesquisa foi iniciada com o objetivo investigar as concepções e hábitos de estudar relacionados à autonomia na aprendizagem dos estudantes universitários de língua japonesa de Japonês 5 do nível intermediário. Para alcançar este objetivo, foram propostos três objetivos específicos apresentadas a seguir:

- a) verificar as concepções sobre a autonomia por parte dos estudantes de graduação de língua japonesa do nível intermediário;
- b) identificar os hábitos de estudar dos estudantes acima mencionados;
- c) analisar as reflexões feitas pelos estudantes relacionadas à autonomia de aprendizagem com os hábitos de estudar.

5.2 Retomando as perguntas de pesquisa

Para atingir os objetivos específicos foram propostas perguntas de pesquisa que serão retomadas a seguir:

- a) Quais são as concepções sobre a autonomia por parte dos estudantes de graduação de língua japonesa, da disciplina Japonês 5 do nível intermediário?
- b) Quais são os hábitos de estudar dos estudantes acima mencionados fora do contexto acadêmico?

- c) Qual é a reflexão dos estudantes sobre a relação entre as concepções relacionadas à autonomia de aprendizagem e os seus hábitos de estudar?

A aplicação do questionário misto aos participantes e a realização da entrevista de grupo focal tiveram como objetivo responder às perguntas de pesquisa.

Como uma forma de responder estas perguntas as análises foram feitas e as respostas serão mostradas nas subseções a seguir:

5.2.1 Concepções sobre a autonomia

As concepções de autonomia dos participantes estão relacionadas ao autodidatismo, são ações específicas que permitem que possam estudar sozinhos, sem a intervenção de outra pessoa.

Os alunos que não se consideram autônomos afirmaram que necessitam de um incentivador (no caso o professor) para que possam buscar autonomia em seus estudos. Os que se consideram autônomos justificam que não precisam que o professor os auxilie para estudar fora do ambiente universitário pois tem seus recursos, seja livros didáticos ou meios tecnológicos para suprir seus estudos.

5.2.2 Hábitos de estudo dos participantes

Todos os participantes afirmaram que possuem o costume de estudar a língua japonesa fora do ambiente acadêmico. Em relação aos tópicos estudados, todos afirmaram que estudam gramática, kanji e vocabulário. Os materiais utilizados envolvem o livro didático oferecido pelo curso, livros didáticos utilizados como preparatório para o JLPT e o uso de recursos tecnológicos como computador e celular como suporte.

Sobre as ações de estudo, destaca-se a leitura e transcrição do livro didático, revisão de vocabulário, exercícios usando *flashcards* e utilização de mídias como *Youtube* e aplicativos de celular como *anki*.

5.2.3 Reflexão dos estudantes relacionando autonomia e hábitos de estudo

Os participantes relacionam a autonomia e os hábitos de estudo ao autodidatismo, pois entendem que sem a autonomia, não é possível criar por si mesmo regras sobre seus hábitos de estudo fora do ambiente acadêmico.

5.3 Contribuições do estudo

Este trabalho teve como objetivo investigar as concepções e hábitos de estudar relacionados à autonomia na aprendizagem dos estudantes universitários de língua japonesa de Japonês 5 do nível intermediário. Com a análise dos dados coletados, foi possível identificar dos participantes seus pontos de vista sobre a autonomia em relação aos hábitos de estudo fora da universidade.

Esta pesquisa engloba com outros trabalhos já publicados sobre a autonomia no âmbito da língua japonesa como o de Pereira (2015), Nishihata (2017) e Nunes (2017). Esperamos que o resultado deste trabalho sirva de referência para que os demais alunos de Letras-Japonês possam refletir e discutir mais sobre a autonomia bem como seus hábitos de estudo.

5.4 Limitações do estudo

Uma das principais limitações para o desenvolvimento do estudo foi a falta de tempo. A demora da aplicação da entrevista de grupo focal aos participantes devido a dificuldade em elaborar as perguntas e também por conta de feriados resultou na participação de apenas dois grupos, o que antes estava previsto três.

5.5 Sugestões para pesquisas futuras

Para pesquisas futuras, sugerimos investigar a influência do professor nos hábitos de estudo fora do ambiente universitário.

Sugerimos também, investigar as concepções de autonomia dos alunos de Letras-Japonês do nível básico, para entender a diferença entre um aprendiz que

ainda está em processo de aquisição da Língua Japonesa e aquele que já possui o conteúdo mais consolidado. Podendo até mesmo utilizar os resultados desta pesquisa para avaliar a efetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACKES *et al.* Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas, In: **O mundo da saúde**, São Paulo, n.35, p. 438-442.

CARVALHO, Patrícia da Silva. **Hábitos de estudo e sua influência no rendimento escolar**. 2012. 164 f. Dissertação de mestrado - Curso de Psicologia, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2012.

FERRAZ, K. F.; FOLTRAN, E. P. O uso das tecnologias para o desenvolvimento de hábitos de estudos no auxílio à aprendizagem. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Paraná, v. 1, 2014.

GOMES, F.S; TORRES, D. P. É possível treinar a estudar? Um estudo experimental com alunos duma escola pública. In: **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**. n.2, 2005, p. 254-266.

LEFFA, V. J. Quando menos é mais: a autonomia na aprendizagem de línguas. In: NICOLAIDES C. *et. al.* (org.). **O desenvolvimento da autonomia no ambiente de aprendizagem de línguas estrangeiras**. Pelotas: UFPEL, 2003. p. 33-49.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa - características, usos e possibilidades. In: **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v.1, n.3, 5 f.1996.

NICOLAIDES, C. S. **A busca da aprendizagem autônoma de língua estrangeira no contexto acadêmico**. 232 f. 2003. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

NISHIHATA, S. **Não me considero um aprendiz autônomo em relação à língua japonesa: crenças e ações de aprendizagem de estudantes com baixo aproveitamento acadêmico**. 2017. 155 f. Dissertação de mestrado - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017.

NUNES, D. **Um bom aprendiz de língua japonesa como língua estrangeira: sua autonomia e estratégias de aprendizagem**. 2017. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Curso de Letras e Literatura Japonesa, Universidade de Brasília, Distrito Federal, DF, 2017.

MOURA FILHO, A.C.L. O que há em um nome? O estado-da-arte da autonomia na aprendizagem de línguas. In: **Linguagem & ensino**. Pelotas, v.12, n.1, p. 253-183, jan/jun. 2009.

PEREIRA, E. L. **Crenças e ações de aprendizes e de uma professora a respeito da autonomia na aprendizagem da língua japonesa como LE.** 116 f. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras). Curso de Letras e Literatura Japonesa. Universidade de Brasília, Distrito Federal, DF, 2015.

RAUPP, F. M; BEUREN, I. M. Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais. In: **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade, teoria e prática.** São Paulo, Atlas, p. 76-97, 2003.

RODRIGUES, R. L. R; RAMOS, S. I. V **Hábitos de estudo, estratégias de estudo e de aprendizagem - sua relação com a ansiedade e o stress face às avaliações nos alunos do ensino superior.** 39 f., 2014, disponível em: acesso em 02/06/2019.

STAKE, R. E. **The art of case study research.** London: SAGE Publications, 1995.

TELLES, J. A. **É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem! Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas.** In: **Linguagem & Ensino**, v. 5, n.2, p. 91-116, 2002.

APÊNDICE A



Universidade de Brasília

Instituto de Letras - IL

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução - LET

Orientador: Prof. Dr. Yûki Mukai

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convidamos você, _____, a participar voluntariamente da pesquisa com o objetivo a coleta de dados necessária para a conclusão do TCC em Letras-Japonês com o tema: Autonomia além da Universidade: Estudo de caso com estudantes de Letras-Japonês no nível intermediário, da pesquisadora Soraya Gonçalves B. da Silva.

A coleta de dados será feita por meio de questionário e entrevistas orais. O primeiro terá duração máxima de 20 minutos; o segundo, duração máxima de 30 minutos.

Esclarecemos que:

- a participação é de natureza voluntária e que, em nenhum momento, você será coagido(a) a participar;
- você pode retirar o seu consentimento e encerrar a sua participação em qualquer estágio desta pesquisa;
- todas as respostas escritas e orais permanecerão anônimas e a sua identidade será totalmente resguardada, sendo apenas identificada por pseudônimo ou código, conforme os princípios éticos da pesquisa acadêmica;
- as suas respostas poderão ser utilizadas, no todo ou em parte, em comunicações, em congressos, publicações em livros, periódicos impressos ou *online*;
- todas as informações colhidas através do questionário e entrevistas orais estarão sob guarda da pesquisadora.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido se encontra redigido em duas vias, sendo uma para o participante e outra para a pesquisadora.

Brasília, _____ de abril de 2019

Nome e Assinatura do participante

Pseudônimo: _____

Contatos: _____

Pesquisadora: Soraya Gonçalves B. da Silva.

sorayabsilva18@gmail.com

APÊNDICE B

21/06/2019

QUESTIONÁRIO MISTO PARA ESTUDANTES

QUESTIONÁRIO MISTO PARA ESTUDANTES

Meu nome é Soraya Gonçalves, sou aluna do nono semestre de Letras - Japonês. O presente questionário faz parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a autonomia de aprendizagem dos alunos de língua japonesa como língua estrangeira. O questionário é composto de duas partes. A 1ª parte é sobre seu perfil e a 2ª parte possui 8 (oito) perguntas relacionadas à autonomia. Esclareço que todas as informações reproduzidas serão feitas de forma anônima, ou seja, o nome verdadeiro do/a participante não será revelado. Este questionário será muito importante para a melhoria do curso de Letras-Japonês. Portanto, conto com a colaboração de vocês.

*Obrigatório

1. Nome Completo

2. Nome fictício (escolha um pseudônimo) *

3. Matrícula

4. Período de ingresso na universidade (ex: 1/2019)

5. De acordo com o fluxo do curso, está em qual semestre? (ex: 5/15)

6. Sexo

Marcar apenas uma oval.

Masculino

Feminino

Outro:

7. Idade

21/06/2019

QUESTIONÁRIO MISTO PARA ESTUDANTES

8. Possui certificado do Exame de Proficiência em Língua Japonesa? Se sim, favor marcar.

Marcar apenas uma oval.

- N5
 N4
 N3
 N2
 N1

9. Quando ingressou no curso de japonês já possuía conhecimento prévio da língua?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

10. Se sim, onde estudou?

11. Período em que estudou:

12. Você já morou no Japão?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

13. Caso tenha respondido "sim", por quanto tempo?

Parte 2

14. (1) Você tem o COSTUME de estudar a Língua Japonesa? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

15. (2) Se você marcou SIM no item (1), o que, como e por quanto tempo você estuda? Por favor, responda os itens abaixo.

21/06/2019

QUESTIONÁRIO MISTO PARA ESTUDANTES

16. (2-1) Estudo (por exemplo, kanji, gramática, vocabulário, etc.):

17. (2-2) Como você estuda? (ex: livros, dicionários, celular, computador, etc.)

18. (2-3) Por quanto tempo? (ex: 10 horas por semana)

19. (3) Se você marcou NÃO no item (1) por que você considera que não tem o COSTUME de estudar a língua japonesa fora da sala de aula? Poderia justificar?

20. (4) Tendo o costume ou não, poderia nos contar seu dia a dia em relação ao estudo da língua fora do ambiente acadêmico?

21. (5) Ao estudar a língua japonesa fora da universidade, você possui alguma dificuldade? Se sim, como procura solucionar? *

21/06/2019

QUESTIONÁRIO MISTO PARA ESTUDANTES

22. (6) Ao estudar a língua japonesa fora da sala de aula, quais são suas reflexões em relação a sua aprendizagem? *

23. (7) Você se considera um aluno autônomo?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

24. Por que sim ou por que não? Poderia Justificar?

25. (8) Afinal, o que você entende por autonomia?

Obrigada!

Sua contribuição será muito valiosa para o sucesso da presente pesquisa.

Soraya Gonçalves Bernardino da Silva.

APÊNDICE C

Roteiro Entrevista de Grupo Focal

Grupo 1 - 28/05/2019 (Terça)

- Malu
- SuGuang
- St

1. No questionário misto, os três afirmaram que possuem o COSTUME de estudar a língua japonesa, mas por quê não se consideram AUTÔNOMOS?
2. Malu afirmou que estuda 14 horas por semana (contando com as aulas), e nos momentos em que está ativa em relação aos estudos, só revisa matéria e estuda vocabulário (kanji seria vocabulário?). Por quê só revisa matéria? Por quê não tenta buscar além do que é proposto? Possui calendário para distribuir essas 14 horas?
3. Ste afirmou que quando possui dificuldades em estudar a língua japonesa pesquisa, porém no questionário, afirma que não é autônoma fica perdida ao pesquisar algo além do livro didático. Afinal, o que pesquisa? Como tenta pesquisar? Por quê acha que se perde? Como acha que poderia reverter essa situação?
4. O que seria o hábito de estudar para vocês?
5. Como estudam no contexto fora do ambiente acadêmico?
6. Afinal, o que seria autonomia? O que seria um aluno autônomo?
7. Como vocês acham que poderiam mudar essa questão de não ser autônomo.

Grupo 2 (29/05/2019)

- Den
- Ken
- Ana
- Ray

1. Den afirmou que não possui dificuldades em estudar japonês fora da universidade. Por quê acha que não? Fora de sala de aula, consegue realmente tirar todas as suas dúvidas?
2. O que seria o hábito de estudar para vocês?
3. Como estudam no contexto fora do ambiente acadêmico?
4. Por que vocês se acham autônomos?
5. Afinal, o que seria autonomia? O que seria um aluno autônomo?

Grupo 3 (30/05/19)

- Maria
- Rurouni
- YFM

Perguntas:

1. Vocês afirmaram que se consideram AUTÔNOMOS, mas no questionário escreveram que suas aprendizagens não evoluem como o esperado; poderiam dar mais de si e não conseguem aprender tudo sozinho. Vocês realmente se consideram autônomos? O que falta para que consigam de fato, ter a autonomia fora de sala?
2. O que seria o hábito de estudar para vocês?
3. Como estudam no contexto fora do ambiente acadêmico?
4. Afinal, o que seria autonomia? O que seria um aluno autônomo?